

A VARIEDADE LINGUÍSTICA À SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES SOBRE O DISCURSO PRESENTE NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ANÚNCIOS E PLACAS PUBLICITÁRIAS

Margarida Vieira da Costa - UEMS/PROFLETRAS

Marlon Leal Rodrigues - NEAD/UEMS

RESUMO: Andar por uma rua e se deparar com placas e anúncios publicitários nos grandes e pequenos centros faz parte do convívio e da vida social de todos. Esse tipo de texto é importante porque é por meio dele em que os falantes podem: oportunizar uma vaga de emprego, oferecer ou divulgar um produto, chamar a atenção para um determinado assunto, levando em consideração que uma das características desse gênero textual é que ocorra a comunicação entre os falantes. Para que essa comunicação seja feita de maneira eficaz se faz necessário que não ocorra ambiguidade na língua, ou seja é essencial que se utilize a língua portuguesa de forma clara e objetiva e se possível empregando a norma padrão, sem inadequações ortográficas ou de concordâncias. Ao ler um texto o leitor não consegue compreendê-lo significa que a língua portuguesa não foi empregada de forma adequada, nesse caso a comunicação fica prejudicada e a informação ao qual o texto foi proposto não acontece. Porém ao analisar um texto deve-se analisar que o sujeito produtor de um texto ao produzi-lo imprime nele suas vivências linguísticas e conhecimentos ortográficos que já fora adquirido por ele. Entende-se então que tais textos têm ali a autoria, portanto devem ser observados com cautela a fim de preservar a natureza criativa do sujeito autor. Nesse sentido o presente artigo apresentará um breve relato de uma sequência de atividades sobre variedades linguísticas e pesquisa sobre anúncios e placas publicitárias com erros ortográficos, realizada com estudantes de uma turma do 7º ano de uma escola pública. Esperava-se que ao final do trabalho os alunos pudessem compreender as variedades linguísticas, os múltiplos sentidos da língua portuguesa e os diferentes falares dos brasileiros, bem como possibilitar o conhecimento ortográfico e a importância das tecnologias em sala de aula. Para aprimorar os conhecimentos teóricos utilizamos de leituras de Pinto (1996), Geraldi (2002, 2015), Bagno (2003,2004), Marcuschi (2010) e Orlandi (2015). Que abordam temáticas voltadas às habilidades em reconhecer de forma mais clara e objetiva os usos da língua portuguesa nas diferentes situações comunicativas e os sentidos (re)criados a partir de tais usos. E como material de consulta aos recursos gramaticais e análise e reflexões linguísticas, fizemos uso dos teóricos Mesquita e Além dos suportes teóricos realizou-se um trabalho reflexivo sobre os locais que em tais textos estavam inseridos e a produção criativa da mensagem a ser transmitida.

Palavras-chave: Variações linguísticas; Sequência de atividades; Placas; Múltiplos sentidos.

Introdução

A Língua Portuguesa por não ser estática, vive em constantes modificações, com isso sofre variações de diversas naturezas. Estas revelam alterações relacionadas ao tempo, regiões, grupos de falantes, quando ao sexo e idades, e quanto aos usos: oralidade e escrita. Essas variações apontam para riqueza da diversidade linguística. Isto faz com que os falantes tenham vocabulários ricos e variados.

Uma metáfora do conceito de língua vem do linguista brasileiro, Bagno (2004) que compara o sistema linguístico a um grande “balaio de gatos” com os mais diversos tipos, os mais variados tamanhos, diferentes idades e podendo variar entre os sexos machos e fêmeas, assim formam as variedades do português brasileiro.

Nesse sentido, por conta das variações da língua e pensando no sujeito como produtor do discurso, este se prepara para a elaboração do texto, nessa organização estão presente os conceitos linguísticos que esse autor do discurso aprendeu e aprimorou em sua trajetória, segundo Luiz Antônio Marcuschi¹ (2010) a escrita seria uma complementação da fala, ou seja, um modo de produção textual-discursiva com a finalidade de comunicação, marcada por características bem próprias da escritas que são os códigos e esses códigos apresentam como aspectos sonoros e gráficos. Mesmo que esse texto seja preparado de maneira improvisada, foi algo pensado no sentido de que alguma informação seja transmitida de forma que ocorra a comunicação entre os falantes.

Como cita Edith Pimentel Pinto (1996), nos anúncios de feiras, devido a urgência, não há nenhuma preocupação com as regras gramaticais, o importante é se fazer entender. Já outros tipos de textos demanda um pouco mais de cuidado na preparação. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo refletir sobre a análise na produção escrita de placas e anúncios de textos urbanos.

¹Luiz Antônio Marcuschi, uma das principais referências da linguística na América Latina é autor dos livros *Análise da conversação*; *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*; *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*; *Cognição, linguagem e práticas interacionais* e colaborou nas seguintes obras (dentre outras): *Conversas com linguistas*; *Gêneros textuais e ensino*; *Hipertexto e gêneros digitais*, (1946-2016).

O aprofundamento na teoria das questões ortográficas e das variedades linguísticas no gênero anúncio e placas informativas

A fim de abordar o tema da questão ortográfica e das variedades linguísticas detectadas em placas em lugares públicos utilizamo-nos de leituras teóricas dos pesquisadores e especialistas, respectivamente, Pinto (1996), Geraldi (2002, 2015), Marcushi (2010), Bagno (2003,2004) e Orlandi (2015) e para consulta e auxílio de análise de reflexão da escrita e da língua, os autores Mesquita e Martos (1997, 2009) e Cochar (2015).

Abordando a linguagem de rua e das feiras, Edith Pimentel Pinto (1996), que apresenta uma linguagem urbana com a produção de placas feitas por feirantes, nesse sentido o sujeito produtor desse tipo de texto não importa com as regras gramaticais ao produzi-lo, não leva em consideração a norma padrão, sua principal preocupação é transmitir a informação da melhor maneira e mais rápida possível, essa improvisação se dá pelo processo ágil que o comércio de rua oportuniza.

Seu destinatário está em face do destinador, é acessível e até sensível a apelos e argumentos, visto que ali está para escolher e comprar, “[...] Isto se reflete na organização dos textos e interfere na prática da língua escrita”. (PINTO 1996, p. 13). No caso das placas e anúncios de rua na sua maioria são textos manuscritos em que possivelmente não ocorreu a correção gramatical ou não há uma preocupação em se adequar às regras da norma padrão da língua portuguesa, sendo assim é comum detectar nesses tipos de textos erros ortográficos e de concordâncias.

Quando um sujeito autor de um texto se propõe a produzi-lo, de alguma forma, deixa ali impresso toda sua vivência, suas características e experiências relacionadas a linguagem, caso ele não tenha tido a oportunidade se aprimorar de maneira satisfatória ou aprendido corretamente as regras gramaticais, ele produzirá um texto de acordo com os conhecimentos que ele apropriou da língua portuguesa, conhecimentos esses que lhe foram ensinados e adquiridos no decorrer de sua vida, talvez esses aprendizados não serão suficientes para a elaboração de um texto adequado e nem os mesmos que a sociedade espera de um falante da norma culta, mas é o que aquele falante pode apresentar naquele momento.

Seguindo a linha de reflexão de Bagno (2003, p. 51), “[...] sendo estes falantes cultos definidos por dois critérios de base: escolaridade superior completa e

antecedentes biográfico-culturais urbanos.” Esses antecedentes biográfico-culturais referem à fatores que interferem na fala e na escrita como classe social, regionais e históricos. Cabe então a escola ensinar ao aluno que existem as variações linguísticas, mostrar ao estudante que a norma padrão deve fazer parte do falar e do escrever, porém, para alguns falantes essa norma não é fundamental para que ocorra a comunicação, o importante é transmitir a informação da melhor forma possível, vejamos no excerto abaixo:

A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio ou dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseiam-se no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isso é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. As razões pelas quais não se usa um dialeto padrão, são de outra ordem, têm a ver em grande parte com os valores sociais dominantes e um pouco com estratégias escolares discutíveis. (GERALDI 2002, p. 33).

Em outras palavras podemos dizer que o aluno quando ingressa na escola ele traz consigo conhecimentos que o professor não deve deixar de observar e agregá-los aos novos entendimentos que o período escolar proporciona, esse estudante deve aprimorar seus conhecimentos sobre a língua portuguesa na etapa em que estiver na escola, ao professor cabe a função de mostrar ao estudante a importância de se aprender e utilizar a norma padrão da língua, porém, alguns alunos por mais que se trabalhe as regras gramaticais, esses conhecimentos não são assimilados de maneira significativa, assim esse estudante poderá por opção não fazer o uso adequado da norma padrão.

Para Marcuschi (2010), diferente de outras culturas, em nossa sociedade a escrita é considerada de maior prestígio que a fala, isso se em se tratando de uma postura mais ideológica. Porém, a oralidade enquanto prática social é inerente do ser humano e não desaparecerá ou jamais poderá ser substituída por nenhuma outra prática social tecnológica.

A escrita só serve como fator de identidade no caso de traços que identifique a literatura regional ou apresente características peculiares que identifique a autoria da escrita. Nesse sentido podemos identificar traços como desvio da norma padrão e regionalismo.

Mudanças da fala para escrita

Para direcionar a reflexão a respeito das mudanças da fala escrita, é importante lembrar-se do enunciado: “[...] a escrita não pode ser tida uma representação da fala” (MARCUSCHI, 2015, p.7), isso porque alguns falantes da língua portuguesa não escrevem da forma que falam, percebe-se esse fenômeno ao corrigir-se as produções textuais dos alunos, na qual localize-se palavras escritas de forma inadequada, ou seja, da mesma forma com que são pronunciadas, e ao pedir para o estudante que se faça a correção, em alguns casos, percebe-se uma certa dificuldade, porque de acordo com os conhecimentos prévios do estudante aquela palavra está correta, porque ele está acostumado a ouvir daquela forma, acreditando também que a escrita seja daquela maneira.

O autor cita também que pelo fato de a fala ter uma certa primazia sobre a escrita como ele explica trata-se de uma questão cronológica, frisou o estudioso que a primeira ação social humana ligada a língua é a fala, porque é uma ação realizada naturalmente, é espontânea, sem muito esforço ou preocupação com os conectivos e concordâncias, depois vem a escrita que é uma ação mais elaborada e planejada.

A escrita faz parte do convívio social dos seres humanos e em cada situação demanda uma preparação para que ocorra a troca de informações, trata-se de algo “complementar a fala”. Caso a comunicação ocorra no âmbito familiar, do dia a dia, em forma de bilhetes utilizará uma linguagem informal, despreocupada com as regras gramaticais.

Caso a comunicação ocorra no trabalho, na escola ou na vida burocrática a linguagem deverá ser formal, nesse caso exigirá do sujeito um certo domínio da norma padrão da língua portuguesa. Marcuschi (2015, p.11), constatou a existência em nossa sociedade de sujeitos analfabetos que tem dificuldade para ler um jornal, um documento com uma linguagem mais formal ou que não escreve cartas, mas é letrado quando se refere a fazer cálculos complexos ao contar cédulas de dinheiros, consegue distinguir um produto no mercado pela marca, ou identificar o ônibus que deve tomar.

Para o autor a diferença entre letramento e alfabetização verifica-se quando o sujeito é somente alfabetizado ele conseguirá codificar os signos linguísticos e numéricos, mas não terá o domínio suficiente para uma elaboração de um texto formal.

Já o sujeito letrado terá habilidades para produção de diferentes textos de acordo com os variados contextos sociais. (*Ibid.p.9*).

Em outras palavras, se um sujeito somente alfabetizado produzir um anúncio ou uma placa, possivelmente esse texto não corresponderá ao que se espera de uma escrita que segue à norma padrão, terá algumas inadequações da língua portuguesa, devido ao fato desse sujeito não ter sido preparado suficientemente para a elaboração de um texto de circulação social, diferentemente de um sujeito que pode se considerar letrado que desenvolveu competências para produzir textos de movimentação social e diferentes sentidos.

A fim de desenvolver a habilidade do letramento é fundamental a participação da escola, como cita (GERALDI, 2002), se o principal objetivo das aulas de língua portuguesa for oportunizar ao falante o domínio da norma padrão deve-se apresentar aos estudantes a questão da dicotomia entre o ensino da língua e ensino da metalinguagem, desse modo, facilita ao sujeito entender que o espaço escolar oportuniza o domínio de mais de uma forma de expressão da língua, mas para isso, explica o pesquisador na mesma obra que alguns conceitos sobre a metodologia do ensino da língua portuguesa devem ser revistos.

Nesse sentido é preciso que o estudante ao finalizar a etapa escolar, consiga dominar o uso da língua em situações concretas de interação, entendendo ou produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma ou outra forma de expressão, isso é alfabetização, como ainda tenha condições de analisar a língua nos diferentes contextos e possibilidades de aplicação e dominar conceitos metalinguísticos.

Variedades linguísticas no dia a dia

É sabido que nossa língua é viva como cita (BAGNO, 2003), o autor apresenta dois textos um poema “cantiga d’amigo” escrito em português na Idade Média por volta do século XII e o início da carta de Pero Vaz de Caminha escrita em 1500. Há uma diferença muito grande entre os dois textos, sendo que no poema a maioria das palavras são de difíceis compreensão, já o trecho da carta a dificuldade diminui um pouco, porém, em ambos os textos apresentam palavras que por desconhecimento do leitor dificultam a compreensão.

Esse fenômeno que o autor apresenta dá-se o nome de variações linguísticas. No caso dos textos em questão nota-se a presença de palavras que saíram de circulação e uso, o que justifica o não reconhecimento e a compreensão por parte do leitor, essa variação recebe a classificação de variação histórica, destaca-se nessa variação palavras que fazem em um determinado período são utilizadas e que com o tempo vão caindo em desuso até se perder e não ter mais sentido. Como aparece um trecho no livro (COCHAR, 2015, p. 43).

Chora menina, chora
Chora porque não tem
Vintém
Menina que está na roda
Parece uma toleirona
Bobona
Fonte: (domínio público)

No fragmento do poema acima exposto, pode-se observar o emprego de duas palavras que não se utiliza mais que é vintém e toleirona, constata-se a variação histórica que ocorreu. Ao apresentar um texto de época para estudantes detentores de uma linguagem moderna, devemos contextualizar para o tempo e as mudanças de variações da e na linguagem.

Outra variação que é importante é variação regional, esse tipo de variante marca as diferenças geográficas (COCHAR, 2015), apresenta uma tirinha do personagem Chico Bento e discute o falar do caipira, as trocas de alguns fonemas, marcas bem características de quem vive no campo e fala de uma maneira espontânea, sem preocupação com a norma padrão, se importando apenas em manter a comunicação entre os falantes.

Na mesma obra o autor Cochar, apresenta uma tirinha de Adão Iturrugarai, para que seja feita uma reflexão sobre “Falar bem é falar adequadamente”. A tirinha cria um humor a partir de um personagem que não sabe que roupa usar em determinada ocasião, ou seja, adequação ou inadequação, a reflexão feita pelos estudiosos trata sobre os preconceitos linguísticos explana que, a escola como ambiente de interação social deve desenvolver no estudante a capacidade de usar bem a língua e suas variações linguísticas, bem como adequá-las à diferentes situações.

Nesse sentido o livro do autor mencionado

Cochar foi muito importante para que auxiliasse o trabalho em sala de aula, pela abordagem temática sobre variações linguística, apresentando a variação da norma padrão e variedade de prestígio, as gírias, a diferença entre oralidade e escrita, linguagem formal e informal, sempre exemplificando-as e dinamizando o aprendizado com tirinhas, trechos de poemas e imagens. Mostrando que a língua é dinâmica e possui múltiplos sentidos e se adequa em variadas épocas ou situações comunicativas.

Placas e anúncios urbanos e suas particularidades

No tópico que segue veremos o fenômeno da variação linguística é comum e circula nos diversos gêneros, destaca-se aqui a pesquisa nas placas e anúncios urbanos e suas particularidades. Importante frisar que Marcuschi (2015) cita as diferenças sobre alfabetização e letramento, o que se espera de um estudante é que os conceitos básicos sobre alguns gêneros sejam apropriados por eles. Assim trabalhou-se o gênero anúncios e placas de forma bem detalhada para que ocorresse o aprendizado de maneira satisfatória.

De uma maneira bem particular esse tipo gênero textual que são os textos publicitários dos quais as placas e anúncios urbanos fazem parte, têm em sua estrutura enunciados curtos para facilitar a compreensão de maneira rápida e precisa. Esse tipo de texto busca chamar a atenção do leitor com letras em caixa alta e coloridas.

No que diz respeito a tipologia da linguagem, nesse gênero de texto a função da linguagem apelativa que tem por “objetivo chamar a atenção do destinatário, para convencê-lo a fazer alguma coisa, para pedir-lhe algo.” (D’AVILA 2007 p.24). Pode-se perceber que mesmo sendo um anúncio de rua encontra-se alguns que são mais elaborados, onde se percebe que houve uma revisão ortográfica, uma preocupação com a estética do texto.

Enquanto aos anúncios e placas, eles cumprem sua função comunicativa quando apresentam as principais características do gênero que, “[...] são pequenos textos, agrupados por tipo de produto que querem vender [...]”. (D’AVILA 2007 p.51). Caso esse texto apresente algum erro de ortografia que dificulte a leitura ou erro de concordância que cause ambiguidade, a função comunicativa acontece de maneira deficitária porque não houve o entendimento completo.

Não é surpresa nenhuma encontrar placas ou anúncios com erros de ortografia, para alguns falantes da língua portuguesa pode até não causar nenhum incômodo, isso, porque para esses falantes o importante é se entender o que texto quer transmitir, independente da ortografia, não importando as regras gramaticais. Porém quando um falante que tem um pouco de conhecimento sobre a norma padrão encontra uma placa ou anúncio com erro de ortografia, ele entenderá o que está escrito, mas ficará de certa maneira incomodado com aquela escrita.

Se procurar com atenção pelas ruas da cidade irá se deparar com uma quantidade elevada de placas ou anúncios com erros de ortografias ou de concordância. Até mesmo em uma busca de pesquisa na internet também pode-se encontrar, talvez até em maior quantidade. A diferença entre essas duas pesquisas é que, quando se pesquisa pelas ruas, pode-se observar a área ao redor para assim entender o motivo daquele erro ortográfico.

Sendo o autor sujeito produtor do seu texto, o meio em que ele vive pode influenciar na produção oral ou escrita, ou seja, seu discurso está impregnado daquilo que ele vivenciou durante uma vida familiar, social e escolar e o ambiente em que vive pode influenciar no momento da produção do seu texto, pelo simples motivo da língua ser uma importante ferramenta de comunicação social de trocas de informações entre os povos, sejam eles falantes ou não.

Anúncio, placas e variações linguísticas

Seguindo o referencial de língua portuguesa trabalhou-se o gênero textual anúncio e propagandas. No qual o estudante por meio de oficinas de produção pode conhecer as características bem peculiares desse tipo de texto, que são o tipo de verbo empregado, que predomina o verbo no imperativo, por dar uma ordem ou fazer um pedido, o uso de imagens a fim de persuadir o leitor, às vezes sem utilizar nenhuma palavra somente com ilustrações, as letras que devem ser em tamanhos grandes e coloridas para que possam chamar a atenção do leitor. Assim esse tipo de texto cumpre a finalidade comunicativa que é comercial e de informação, no qual se enquadram os anúncios e placas urbanas.

Entendendo que placas e anúncios fazem parte de um gênero que tem a função de informar, persuadir, convencer e chamar a atenção do leitor, o que se espera é que textos assim estejam de acordo com as regras gramaticais, sem redundâncias que

possam causar qualquer tipo de dificuldade de compreensão e interpretação e sem erros de ortografias que venham fazer com que o leitor tenha o real entendimento do texto que a placa ou anúncio quer transmitir.

Caso tal constatação não ocorra pelo fato de um texto em sua elaboração ter ocorrido vários fatores que independe do leitor, mas que é inerente ao sujeito produtor daquele texto. Nesse sentido um texto de anúncio ou placa quando não transmite a informação de forma satisfatória pelo fato de estar em desacordo com a norma padrão da língua de certa maneira não cumpre de forma eficaz a linguagem comunicativa. Vejamos o enunciado no excerto abaixo:

Assim como o texto é uma materialização do discurso, também a intertextualidade remete ao interdiscurso. As vozes mostradas num texto não são neutras e suas retomadas respondem a interesses discursivos do enunciador. O outro necessário ao discurso se bifurca porque estão presentes tanto aqueles a quem o discurso pretende chegar quanto estão presentes [...] a que o discurso se filia. (GERALDI, 2015 p. 109).

Nesse sentido quando se lê um texto há uma troca silenciosa e velada de informações entre leitor e interlocutor. Assim o texto tem que se fazer entender pelo leitor da melhor maneira possível, em se tratando dos anúncios e placas essa leitura deve ser rápida e dinâmica, nesse caso os textos devem ser elaborados pensando nesse tipo de público que quer atingir.

Por outro ponto de vista explana a analista do discurso, (ORLANDI, 2015), que o processo de significação não se trata somente de uma transmissão de informação, mas sim um processo de identificação dos sujeitos, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, dentre outros, ou seja, o discurso é efeito de sentido entre os interlocutores que trocam informações a fim de que ocorra a comunicação entre ambos. Assim ao produzir um texto o sujeito produtor, por meio da produção escrita evidencia suas intenções comunicativas e ao mesmo tempo apresenta suas impressões linguísticas como históricas, sociais e culturais.

A fim de atingir um determinado público as placas e anúncios seguem um padrão linguístico, isso facilita a leitura e busca a compreensão rápida da informação ali contida. Já que temos uma língua em constante modificações esses tipos de textos

também sofrem modificações de acordo com o local em que foram produzidos, as informações que se quer transmitir e o tipo de público que se quer chamar a atenção.

A língua é um instrumento de interação social segundo Wanderley Geraldi (2003), logo, é reconhecida como importante e fundamenta, para que ocorra a dinâmica da comunicação entre os povos, independente das classes sociais, sejam elas elevadas ou não, dos povos de etnias diferentes e diferentes níveis de saberes e diferentes idades. Ainda de acordo com (GERALDI, 2003, p.35), “[...] A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existem diferença de status ou papel, essas diferenças refletem na linguagem”. Assim a identidade social do falante vai se construindo a medida em que ele vai interagindo com outros falantes, com outras culturas, dessa maneira vai se agregando novos saberes, novos falares e uma nova identidade social do falante se cria e passa para outros falantes dando origem a esses múltiplos sentidos à fala e à escrita do povo brasileiro.

Sequência de atividades

A seguir temos a explanação da metodologia usada com objetivo de levantar as reflexões aqui expostas levamos para a prática o assunto variações linguísticas, com os alunos de uma turma do 7º ano de uma escola estadual da periferia de Campo Grande/MS. Para o estudo das variedades linguísticas usamos como suporte e base teórica o livro “Português Linguagens” do 6º ano dos autores Cereja e Magalhães, no qual aborda variedades linguísticas, porém, como se referiam a uma turma do 7º ano foi necessário que se agregasse mais informações para que ficasse de acordo com a etapa escolar.

No primeiro momento foi executada a sequência de atividades sobre variedades linguísticas, com a turma, explicando e exemplificando cada tipo de variedade, dentre elas; variação histórica, social, regional, formal e informal, para facilitar o processo de aprendizagem fez-se o uso de imagens- fala de jovens gírias para que pudessem perceber a diferença histórica da língua; vídeos- Chico Bento, o falar regional e o sotaque caipira; trechos de músicas- Samba do Ernesto Adoniran Barbosa e outras, para que observassem os diferentes falares; o objetivo era que o alunos pudessem perceber a heterogeneidade da língua, que não é estática vive em constante modificações e que existe múltiplas maneiras de se comunicar.

Tendo como objetivo o entendimento eficiente sobre variações linguísticas fez-se explicações com exposições de exemplos sobre as variedades da língua, discussões sobre as mudanças que ocorreram na língua e procurou ressaltar o fato de a língua estar sempre em constante movimentação. Sempre contextualizando e exemplificando com elementos que pudessem facilitar a compreensão dos conteúdos que foram apresentados à turma.

Para finalizar a atividade os alunos produziram textos do gênero tirinhas, narração e o principal que era os anúncios, assim os estudantes demonstraram compreender os diferentes falares do povo brasileiro, que mesmo dentro do mesmo estado se pode haver variados sotaques ou formas diversificadas para designar o mesmo objeto. Como por exemplo mandioca/macaxeira/aipim. As práticas didáticas que se expõem visavam constatar se ocorreu o aprendizado eficaz, solicitou-se aos estudantes que no período de um mês fizessem pesquisas sobre placas e anúncios com erros de ortografias, essas placas deveriam ser fotografadas, após deveriam produzir um trabalho no programa Power Point, que facilita a amostra de imagens e correção nos slides, com as imagens das placas ou anúncios com erros ortográficos e as correções das palavras.

Foi solicitado aos estudantes que formassem grupos com 04 (quatro) integrantes para que buscassem na prática, fazendo uma pesquisa de placas ou anúncios pelas ruas do bairro ou por algum lugar que transitassem, ficou combinado que caso os alunos tivessem dificuldades em localizar as placas ou anúncios nas ruas, poderiam fazer a pesquisa na internet, ainda foi combinado que, cada integrante do grupo ficaria com uma função; pesquisar, fotografar; preparar; apresentar etc.

No período de pesquisa sempre que surgia alguma dúvida quanto à escrita de algumas palavras, ou relacionada à concordância, essas dúvidas iam sendo sanadas em sala de aula com o professor auxiliado pelo material dos autores Mesquita e Martos (1997, 2009), que trazem em seus conteúdos explicações contextualizadas sobre análise da língua portuguesa relacionada à ortografia, concordâncias verbais e nominais, assim como exercícios variados que facilitam a compreensão sobre os assuntos abordados.

Na data estabelecida, de acordo com uma ordem de sorteio, os grupos foram se apresentando. Percebeu-se que, quando os trabalhos eram apresentados, alguns alunos agiram como protagonistas de seus discursos, esclarecendo as dúvidas dos colegas, apontando os erros de ortografia ou concordância que dificultavam a compreensão das

placas ou anúncios, quando os erros eram detectados os alunos faziam as correções juntamente com os colegas. Reforçando o enunciado: “Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas.” (GERALDI 2003, p. 36). Ao final das apresentações abriu-se para as considerações sobre os trabalhos apresentados e de como tinha sido a pesquisa de busca pelas placas ou anúncios.

Na oportunidade abordou-se as hipóteses pelas quais aqueles textos poderiam estar escritos daquela maneira, se por descuido, urgência na escrita ou até mesmo desconhecimento da norma padrão. Foi oportunizado então, para que os alunos refletissem sobre o sujeito produtor daquele texto e o ambiente em que esse sujeito está inserido.

Nas placas e anúncios fotografados observamos os erros mais comuns, foram de ortografia, alguns raros de concordância que causava uma certa ambiguidade ou humor ao lê-lo, as placas e anúncios que mais apresentaram erros de ortografias foram aquelas grafadas de formas rudimentares, manualmente ou que demonstrava a urgência na escrita. Conforme Edith Pimentel Pinto (1996), explica a funcionalidade dessa tipologia textual, os referidos tipos de textos não se preocupam com a norma padrão, já que detém a função de transmitir a informação de maneira rápida.

Os textos pesquisados na internet são encontrados em maior quantidade e em maior número de concordância, encontrando placas e anúncios de várias circulações e confeccionados de múltiplos materiais, o que não muda são os erros de ortografia e concordância.

Considerações finais

Ao finalizar o trabalho no qual estava incluso variedades linguísticas e ortografia de anúncios e placas informativas observou-se que os estudantes puderam compreender as diferentes variações de linguagens que compõem os falares do povo brasileiro, que por ser uma língua em constante movimentação está sujeita a sofrer modificações de acordo com as circunstâncias linguísticas em que se encontra, ou seja os falantes irá adequar a língua para que ocorra a comunicação.

A relevância desse trabalho e sua prática em sala de aula é importante devido ao reconhecimento por parte dos alunos das variedades linguísticas das quais ele já faz uso antes de chegar aos conhecimentos das normas linguísticas e gramaticais que a eles

serão disponibilizados na fase escolar, ao conscientizar sobre as mudanças e variações linguísticas os estudantes se dão conta do seu papel de sujeitos integrantes do contexto social.

Desse modo se reconhece pertencente a uma sociedade plural, somos um povo miscigenado, composto por várias raças, várias culturas e cada povo traz como herança cultural sua língua que é agregada àqueles que ali se encontram, dessa maneira a língua vai se modificando e se adequando o que justifica a existência do termo exposto por Cochar (2015, p. 40), “[...] Variedades linguísticas- são as variedades que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais são utilizadas.”

Nesse trabalho sistemático de pesquisa se esperava que os estudantes pudessem ao final do trabalho compreender as variações linguísticas que fazem parte dos falares dos brasileiros e que essa variação perpassa da oralidade para a escrita e assim observar o emprego adequado da norma padrão. Constatou-se que a escrita não pode ser uma representação da fala, explica Bagno (2004, p. 54), “a língua oral é o instrumento básico para sobrevivência”, o autor cita o trecho ao se referir que um grito de socorro tem mais efeito que o mesmo quando escrito uma carta. A língua escrita demanda de tempo para estudo, exige atenção, para o autor seria “uma representação não exaustiva da língua falada.

Ao se pesquisar sobre a ortografia empregada em placas e anúncios procura-se refletir sobre o tipo de sujeito autor daquele discurso, sendo ele produtor do texto, ao produzi-lo deixa ali cravado suas marcas linguísticas históricas, sociais e regionais, ou seja, o anúncio ou a placa é a representação do seu autor. Nesse caso devemos analisar o texto com cuidado para não ocorrer no preconceito linguístico.

Lembra ainda a reflexão do linguista o fato de que, (BAGNO, 2004, p. 76), para muitos brasileiros o português é difícil, ou que não sabem o português, dessa forma vai ficando arraigado a dificuldade em se aprender corretamente a escrever a língua materna e alguns falantes caem no comodismo e se sentem incapazes de se aperfeiçoarem que engordam as estatísticas dos milhares de brasileiros que são conhecidos como os analfabetos funcionais. Assim são denominados como analfabetos funcionais, aqueles que têm dificuldade em ler algo mais complexo, como um jornal, se leem não compreendem adequadamente, um texto mais elaborado, porém conseguem fazer compras, tomar um ônibus, fazer cálculos para dar ou receber troco.

Ao chegar à escola o estudante traz consigo uma história linguística, carregada de conhecimentos, assim é importante que a escola como meio de interação social possa preservar o que o estudante já sabe e oportunizar a ele, uma forma de ampliar seus conhecimentos linguísticos que serão desenvolvidos durante e depois da etapa escolar.

Ao professor cabe a função de intermediação, lembrando-se das reflexões de Geraldi, (2015, p. 96), segundo ele, o professor deve orientar o estudante do futuro que vem cheio de perguntas, e as respostas estão mais acessíveis nas redes de computadores, permitindo-lhe o raciocínio, proporcionando-lhes desafios, a fim de estimular o aprendizado e ultrapassar o senso comum.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *A norma oculta língua e poder na sociedade brasileira*. Parábola, SP, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico o que é, como se faz*. Loyola, SP, 2004.
- COCHAR, Thereza Anália Magalhães; Cereja, William Roberto. *Português: Linguagens*. 9ª ed. Saraiva, São Paulo, 2015.
- D'AVILA, Suzana. *Gramática em prática textos e exercícios*, Editora do Brasil, SP, 2007.
- GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. Ática, SP, 2002.
- GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*, 2ª ed. Editora Pedro&João, SP, 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 10ª ed. Cortez, SP, 2010.
- MESQUITA, Roberto Melo, CLODER, Rivas Martos. *Gramática pedagógica*. 26ª ed. Saraiva, 2007.
- MESQUITA, Roberto Melo, CLODER, Rivas Martos, *Gramática pedagógica*, 30ª ed. Saraiva, S.P. 2009.
- PINTO, Edith Pimentel. *O português popular escrito*. Contexto, SP, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Pontes, SP, 2015.